
EDUCAÇÃO FÍSICA

E INDÚSTRIA CULTURAL

JOÃO MARTINS VIEIRA NETO

Resumo: o presente texto tem como objetivo discutir as relações entre a Educação Física e o Conceito de Indústria Cultural, estabelecendo um paralelo com sua própria evolução, focando, principalmente, em seu contexto atual, buscando explicitar o papel do professor neste processo. Este trabalho teórico tem como referencial a teoria crítica, sobretudo Adorno.

Palavras-chave: educação, educação física, indústria cultural

A Educação Física é uma área do conhecimento que tem se expandido, tomando espaço em diversos campos e, conseqüentemente, abrindo varias possibilidades de atuação para os professores de Educação Física para além do espaço escolar. Se antes o professor de Educação Física atuava primordialmente na escola, hoje este quadro se apresenta de outra forma, tendo o professor¹ infinitas possibilidades de intervenção e diferentes espaços nos quais pode exercer sua prática profissional.

Buscando estabelecer uma visão geral acerca da atuação do professor na Educação Física contemporânea, primeiro dis-

cutiremos quais as bases que norteiam o trabalho do professor nos espaços não-escolares enfocando principalmente a academia, quais forças atuam sobre ele, como as questões mercadológicas colocam-se, tentando assim, expor um quadro geral da Educação Física atual. Em seguida traremos discussões sobre um dos principais fatores responsáveis pelas pressões exercidas à Educação Física, a Indústria Cultural, quais suas influências e como tem interferido na concepção que se tem de Educação Física. No último momento do texto tentaremos traçar um contraponto entre Educação Física e Indústria Cultural, apontando para possíveis possibilidades de superação.

EDUCAÇÃO FÍSICA: COMO ESTÁS?

A Educação Física é uma área do conhecimento que tem seu início com a necessidade de homens saudáveis e prontos para a batalha, sendo assim, seu desenvolvimento inicial tem como locus principal o exército. Em seguida, foi levada ao ambiente escolar, embora tivesse ainda o mesmo objetivo e ainda pautada na perspectiva militarista. A Educação Física teve ao longo de sua história diversos paradigmas diferentes (ex., higienismo), porém, sempre voltados para os interesses do capital, com um caráter eugênico, e com fortes influências tecnicistas. Essa perspectiva de Educação Física se arrastou até meados da década de 1980, quando, com o ingresso de diversos professores em Programas de Pós-Graduação em Educação, houve uma reviravolta no que diz respeito à prática da Educação Física e, a partir de então, a Educação Física começou a trilhar por novos caminhos, que visam uma formação crítica do sujeito através das aulas.

A expansão da Educação Física foi se consolidando de acordo que o mercado foi se apropriando de suas possibilidades para gerar novas ações mercadológicas, sendo que, no contexto atual as idéias de saúde, estética, esporte e lazer estão muito difundidas como meios para que as pessoas tenham o que se tem chamado de “qualidade de vida”.

A Educação Física que antes se resumia as escolas e ao exército, se espalhou por diversos espaços de nossa sociedade e hoje ela está presente em clubes, academias, praças, pistas de caminhada, associações, centros esportivos, igrejas, hospitais, clínicas, centros de recuperação, empresas, parques entre outros e, até

mesmo nas casas das pessoas com a figura do personal-trainer e dos aparelhos de ginástica domésticos. Desta forma podemos perceber a infinidade de possibilidades que a Educação Física nos oferece enquanto possibilidade de intervenção.

A partir da década de 1980 a Educação Física passou por diversas modificações, sendo que estas mudanças visavam sua transformação a partir de uma perspectiva crítica e emancipadora, onde a Educação Física tomasse um viés transformador, e que através das aulas pudéssemos caminhar para a emancipação e a autonomia do sujeito. A partir desse movimento houve uma grande produção bibliográfica no sentido de uma intervenção crítica no espaço escolar (Coletivo de Autores, Betti, Freire e Kunz), tendo sido o espaço não-escolar colocado à margem desta discussão, já que não teve a mesma atenção, sendo que para muitos intelectuais, qualquer possibilidade de transformação só seria alcançada dentro da escola, desprezando desta forma todos os demais espaços acima citados, como espaços educacionais.

Se as possibilidades de intervenção crítica nos espaços não-escolares foram desconsideradas por parte dos intelectuais, o mesmo não aconteceu por parte do mercado que, por sua vez, o submeteram a inúmeras mudanças a fim de atender cada vez mais os princípios neoliberais. Enquanto na escola se trabalhava com a idéia de emancipação e autonomia, fora dela o sujeito foi cada vez mais levado a condição de alienação.

Fora da escola, a Educação Física tem caminhado para reprodução e a mecanização de sua prática, através de fundamentos que conduzem a uma prática pragmatista, na qual os professores são meras ferramentas, os quais têm a função de reproduzir uma aula de forma alienada, sem qualquer tipo de teorização a cerca de sua prática e sem perceber os determinantes envolvidos. Não podemos nos esquecer que a Educação Física tem em seu início uma perspectiva militarista-higienista, como não poderia deixar de ser, a reprodução sistemática e o caráter eugênico faziam parte de sua construção inicial. Sendo a preparação física, o corpo perfeito, o homem saudável e assim apto as possíveis batalhas sua função principal, nesse modelo qualquer tipo de possibilidade de emancipação não se colocava, ou sequer era cogitada.

Sendo assim, acontece a ruptura entre a Educação Física escolar e não-escolar, e que a partir da década de oitenta, tomaram

caminhos completamente opostos no que diz respeito aos objetivos, as possibilidades de intervenção, às condições de trabalho, o interesse na formação do aluno, para citar alguns exemplos. Se na escola existe uma grande preocupação com a formação do aluno, na possibilidade de emancipação e autonomia por parte do sujeito, nos espaços não-escolares não existe esta preocupação com o sujeito propriamente dito, e sim, com questões mercadológicas e comerciais, o fim da aula esta nela própria e não na formação do sujeito.

A formação do sujeito fica à margem das questões burocráticas e pré-estabelecidas nas quais o professor fica engessado, e assim, impossibilitado de agir sob uma nova perspectiva, já que, por traz da ação do professor existe toda uma estrutura organizacional que tira dele o domínio da própria aula e inclusive sobre ele mesmo, sendo que em determinadas condições o professor não tem autoridade sobre a aula à qual esta ministrando, não podendo fazer alterações e/ou adaptações, já que, ele nem sequer participa de sua elaboração, como por exemplo; os sistemas de franquias de aulas, nas bibliografias voltadas para os ambientes não-escolares onde se percebe claramente a perspectiva pragmatista, ou seja, totalmente voltada para a intervenção prática e imediata dos conteúdos ali trabalhados, ou melhor, abordados, seguindo sempre a idéia de uma receita de “como se faz”, um modelo que por fim acaba colocando-se como molde, “é preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado” (MAAR, 2000, p. 27).

Sendo que este é o primeiro aspecto da alienação, a alienação do produto. Isso se dá quando o sujeito se perde do objeto do seu trabalho, ou seja, o sujeito se objetiva no seu trabalho, porém, este produto não retorna para ele como possibilidade de auto-identificação, mas sim, como objeto estranho,

O trabalho é exterior ao trabalhador; ou seja, não pertence a sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito (MARX, 2004, p. 114).

O homem perde inclusive seu caráter humano, sendo que este não se identifica no trabalho, “... o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si” (MARX, 2004, p. 114). Sua humanidade se vê representada em suas necessidades puramente animais “...comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc. – enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano, animal” (MARX, 2004, p. 114-5).

Não bastasse o professor não ser dono do produto do próprio trabalho – neste caso a aula – e não se reconhecer nele, ele nem sequer é dono do próprio trabalho, trabalho esse que pertence ao capitalista, sendo assim, no trabalho o trabalhador não se pertence, mas ao outro, como afirma Marx: “Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o do outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro” (MARX, 2004, p. 114).

O objeto ganha vida fora do homem e em relação a ele,

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (MARX, 2004, p. 112).

Sendo assim a consciência do trabalhador não se percebe no produto do seu trabalho, perdendo assim a possibilidade de reconhecer sua capacidade e sua condição de sujeito na história.

As aulas nesta perspectiva tornam-se objeto estranho ao professor, objeto este que ele não se reconhece, até por que, a aula não o pertence, ele não tem nenhum tipo de participação na sua construção, na elaboração de seus objetivos – que muitas vezes lhe é desconhecido – ele apenas é um mero reprodutor, tomando para si um papel de “máquina de ministrar aulas”. Nestes espaços o aluno tem um papel dúbio, sendo que em um determinado momento ele é o algoz, já que, é ele que direta ou indiretamente mantém este locus de trabalho do professor, sendo assim, ele influencia no seu trabalho, o que em determinados momentos o

impossibilita de tomar atitudes que possam, no ponto de vista do capital, impedir que o aluno consumisse cada vez mais os seus produtos, ou seja, estabelecer limites para os alunos (anorexia, vigorexia e over-training), neste sentido o professor assume um papel de mero enfeite para a aula.

O professor não perde somente a consciência do produto, como também do processo de produção, sendo que, com a fragmentação do trabalho, o coloca cada vez mais distante do produto final, o produto propriamente dito, “...a alienação não se expõe apenas no resultado, mas também no processo de produção, no seio da própria atividade produtiva” (MARX, 2004, p. 114).

A divisão social do trabalho, que se faz necessária no modo de produção capitalista, submete o professor a condições desumanas, à medida que obriga o professor a ficar horas, meses, anos, realizando movimentos mecânicos repetidamente, pra reproduzir uma aula, aula essa que não o pertence, nem nunca pertencerá, tendo em vista que o professor, não conhece sequer uma pequena parte do processo de produção da aula, apenas repete o que o treinamento que recebeu, sem ao menos saber para que serve, qual o objetivo da aula que está reproduzindo, se este ou aqueles exercícios são realmente necessários, como essa aula foi “produzida”, etc.

Até porque, “como o trabalhador poderia estar numa relação alienada com o produto da sua atividade, se não se alienasse a si mesmo no próprio ato da produção?” (MARX, 2004, p. 114) O produto é resultado de todo o processo de produção, quando o professor perde a relação com o processo como um todo, ele se aliena do produto, e assim, não se reconhece, ou seja, não se submete nele, seu trabalho fica somente no plano da objetivação. “Em consequência disso, se o produto do trabalho é a alienação, a produção em si tem de ser a alienação ativa – a alienação da atividade e a atividade, da alienação” (MARX, 2004, p. 114).

Como já dissemos a Educação Física vem sendo dominada, principalmente nas academias, por empresas franqueadoras de aulas, que são empresas que detem direitos e domínio sobre determinadas práticas corporais e que se valem disto para impor sobre os professores seus interesses e suas vontades. Nestes sistemas de franquia o professor não tem nenhuma interferência na própria aula, à aula é planejada, montada e estabelecida por outras pessoas, que não vivem a realidade do professor, que não conhecem a realidade

dos alunos, seus objetivos, suas possibilidades e seu meio social.

Estas aulas são programadas em laboratórios onde a aula é cronometrada, são estabelecidos os exercícios que serão realizados, os números de séries e repetições a serem executadas, quais as músicas farão parte do CD que será executado durante a referida aula, ou seja, são estabelecidas todas as variáveis que dizem respeito à aula, sendo que todas foram estabelecidas sem nenhuma participação do professor. Assim que a aula está “pronta”, esta é repassada aos treinadores, para que todos os franqueados tenham a mesma mercadoria ao mesmo tempo. Para que os professores possam ministrar tais aulas, se faz necessário que este seja credenciado junto a empresa franqueadora, e para isto paga uma taxa mensal, além do professor, também a academia necessita ser credenciada, pagando por sua vez uma outra taxa de franquia.

Para que o professor reproduza tal aula, e necessário ainda passar por um treinamento (adestramento) a cada três meses, onde são passadas todas as informações da aula; quais exercícios serão trabalhados, em qual seqüência e de que forma o professor deve se portar durante a mesma, quais intervenções deve fazer e quando deve fazê-las, de maneira que a aula ministrada no Brasil seja exatamente igual a da Alemanha, Japão, Estados Unidos, etc. Sendo assim, o aluno que frequenta esta aula em Goiânia, caso tenha que realizar uma viagem para a Europa, possa fazer a mesma aula em uma academia na França hoje, na Espanha amanhã, ou seja, a prática do professor é massificada e totalmente reprodutivista.

O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o do outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro (MARX, 2004, p. 114).

Quando perguntados sobre quais os benefícios oferecidos ao professor para que o mesmo se credencie junto a estas empresas franqueadoras são que; não é necessário que o professor planeje a aula; não é preciso que o professor dedique parte de seu tempo para o estudo dos elementos que compõe a aula (objetivo, metodologia, intensidade, ritmo, séries, repetições, sobrecarga,

etc.) desta forma tendo tempo para ministrar mais aulas, cumprindo assim seu papel de “máquina de ministrar aulas”. Desta forma, tenta-se retirar do professor toda e qualquer possibilidade de elaboração crítica acerca de sua prática, já que, a ele cabe somente o papel de reproduzir mecanicamente a aula para a qual recebeu o referido treinamento. O professor pede a si próprio como ser humano, ou seja, não reconhece a si mesmo como homem.

Desta forma passa ao que Marx chama de alienação de si, que é a alienação do homem enquanto ser genérico, sendo que o trabalho alienado transforma, “a vida genérica do homem, e também a característica enquanto sua propriedade espiritual, em ser estranho, em meio da sua existência individual. Aliena do homem o próprio corpo, assim como a característica externa, a sua vida intelectual, a sua vida humana” (MARX, 2004, p. 117-8).

Assim, “...a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro,[...] é a perda de si mesmo” (MARX, 2004, p. 114).

O trabalhador perde inclusive autonomia sobre os próprios desejos, sendo que suas necessidades não são estabelecidas por ele, mas por outro, sua humanidade se perde no trabalho que não retorna para si.

Como podemos perceber há uma grande influência pragmatista, que por sua vez, exerce pressão à obtenção de resultados práticos e imediatos. Sendo que este foi só um, entre tantos outros exemplos possíveis para se explicar como a Educação Física não-escolar tem caminhado cada vez mais para a alienação, tanto por parte dos alunos como também dos professores.

Neste modelo de Educação Física não existe por parte do professor uma preocupação como o aluno, como já dissemos a aula tem fim nela mesma, desta forma, o aluno passa a ser objeto estranho ao professor, muitas vezes apenas uma ferramenta a mais para que possa ministrar suas aulas – que na verdade são da franqueadora – e assim não o reconhece como igual, ou seja, não se reconhece no outro, o que nos leva a outro nível de alienação, a alienação do outro. O trabalho então aliena a consciência de si, e então “aliena do mesmo modo o homem a respeito da espécie” (MARX, 2004, p. 116). Aliena em relação ao outro, sendo que,

“quando o homem se contrapõe a si mesmo, entra do mesmo modo em oposição com os outros homens” (MARX, 2004, p. 118). O trabalhador não se reconhece como homem, assim como não reconhece o outro como igual. Além de não reconhecer o aluno, não reconhece o capitalista, os outros professores, assim como as pessoas responsáveis pela elaboração de suas aulas. O professor não se reconhece como homem, assim como não reconhece o outro como igual.

De forma geral, a afirmação de que um homem se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra do mesmo modo alienado da vida humana. [...] Portanto, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação que ele próprio, como trabalhador, se depara (MARX, 2004, p. 118).

Assim o trabalhador tende a se relacionar com outro trabalhador como ser estranho, sem identificar o outro como igual, colocando-se como ser individual, inclusive colocando sobre o que não produz o poder sobre a sua produção, o produto do seu trabalho pertence a alguém que não trabalha, e então como esse outro homem pode estabelecer sua consciência se este também é dono de um trabalho que não é próprio. “Se o produto do trabalho me é bizarro e se contrapõe a mim, como poder estranho, a quem pertencerá? Se a minha própria atividade não me diz respeito, se é uma atividade alheia, coagida, a quem pertencerá, então? A outro diferente de mim” (MARX, 2004, p. 118).

Nas aulas existe uma grande preocupação com elementos técnicos, como ensinar determinado movimento, sendo que, o mesmo é fragmentado ao máximo, e que ao final se faça a união das partes para formar o todo, que é o movimento propriamente dito. Desta forma, a experiência motora é fragmentada e o sujeito não vivencia outras possibilidades, limitando-se assim a repetição intermitente, sem qualquer tipo de elaboração e/ou reflexão, impossibilitando assim, qualquer possibilidade do sujeito se reconhecer na sua prática, sua ação torna-o estranho a si mesmo, o sujeito não se subjetiva e assim aliena-se, estabelecendo assim com seu movimento uma relação estímulo-resposta.

O aluno fica a margem da aula, tendo o professor uma grande preocupação em relação à aula que está ministrando, e um desca-so no que diz respeito ao aluno. Neste sentido o professor cumpre o seu papel de “máquina de ministrar aulas” e faz do aluno uma máquina de reproduzir aulas, sendo que, não existe por parte do professor uma preocupação com o aprendizado do aluno, nem mesmo com a sua execução correta da aula.

Neste sentido o professor passa a ser mero reproduzidor do sistema, perdendo assim toda e qualquer possibilidade de reflexão e transformação através de sua prática, sendo, que a necessidade de respostas imediatas dificultam esta transformação e reflexão, já que, para que possamos alcançar a transformação e elaborar uma reflexão sobre qualquer objeto são necessários; tempo, paciência histórica, dedicação, estudo, etc. Tem que se fazer diversas análises, observar várias possibilidades, perceber todos os desdobramentos, e que assim, possam construir as melhores formas e possibilidades, as quais se encaixem melhor para cada sujeito.

Nos ambientes não-escolares isto se torna complicado devido as grandes cobranças por resultados práticos, imediatos e aparentes. Se a criança é matriculada em uma escolinha de futebol, há uma cobrança para que em uma aula o aluno aprenda a chutar, na outra a cabecear, em seguida, cobrar falta e assim por diante, a busca por resultados suprime a preocupação com a formação do sujeito e não só do futuro atleta. E assim que o aluno mais do que saber chutar, ele compreenda quais as relações sociais que estão presentes na sua prática, tenha consciência do porque se fazer de uma forma e não de outra, que seja trabalhado e desenvolvido junto com o aluno, e não somente imposto a ele, de cima pra baixo, como verdade absoluta, e que assim, o aluno elabore e reflita sobre sua prática.

Ou seja, existe uma possibilidade de transformação a partir das aulas de Educação Física, porém, existem vários interesses do Capital em jogo, o que dificulta que estas possibilidades se concretizem, e para isso o sistema lança mãos de diversas ferramentas para manter o sujeito sob sua tutela, sendo que uma de suas principais e mais eficazes é o que Adorno e Horkheimer chamam de Indústria Cultural.

INDÚSTRIA CULTURAL: QUEM ÉS?

A Indústria Cultural é um elemento da sociedade capitalista que atua sobre a sociedade de forma a induzi-la a um estado de alienação permanente, onde o consumo dos bens “produzidos”, ou melhor, apropriados por ela é elemento central.

Para isso a Indústria Cultural tem de lançar mão de diferentes mercadorias pra manter no sujeito a falsa idéia de uma necessidade de insaciável, na qual o sistema capitalista se apóia para manter seu processo de expansão e conseqüentemente de acumulação.

A Indústria Cultural se apropria dos bens culturais, dos costumes, das tradições, e por que não, da própria consciência da sociedade, de forma que o sujeito perca sua identidade e passe apenas a buscar em produtos da Indústria Cultural objetos nos quais possa se reconhecer como homem, deixando assim de buscar essa identificação em si e/ou no outro, passando a um estado de alienação.

Para que possamos compreender como a Indústria Cultural atua sobre o sujeito, precisamos entender um dos elementos centrais dentro do modo de produção capitalista, a alienação. Categoria que como vimos esta intimamente ligada com o modelo tecnicista de Educação Física contemporânea, sendo que,

A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais sem valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado o seu produto, mais desfigurado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza (MARX, 2004, p. 113).

O trabalho alienado toma do homem sua condição humana, o trabalho que a principio era o elemento formador do homem, sendo que, o homem se tornava homem mediante o trabalho, no trabalho alienado isto se inverte o homem torna-se então nada mais que uma máquina cuja única função é a reprodução mecânica e a

produção de bens de capital, diz Marx, “assim como a divisão do trabalho aumenta o poder produtivo do trabalho e a riqueza e o requinte da sociedade, empobrece o trabalhador e o transforma em máquina” (MARX, 2004, p. 71) “A máquina adapta-se à fraqueza do homem para do ser humano fraco fazer uma máquina” (MARX, 2004, p. 151).

Como vimos quando tratamos da Educação Física atual, o professor tem trabalhado sob uma condição de alienação total, trabalhando como uma máquina, perdendo sua condição humana, e assim, retornando a sua condição meramente animal, sendo que

o animal identifica-se prontamente com a sua atividade vital. Não se diferencia dela. É a sua própria atividade. Mas o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital lúcida. Ela não é uma deliberação com a qual ele imediatamente coincide. A atividade vital lúcida diferencia o homem da atividade vital dos animais. Só por este motivo é que ele é um ser genérico. Ou então, só é um ser lúcido, ou melhor, a sua vida é para ele um objeto, porque é um ser genérico. Exclusivamente por este motivo é que a sua atividade surge como atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser lúcido, transforma a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua existência (MARX, 2004, p. 116).

Compreendida a categoria de alienação, passaremos a discussão da Indústria Cultural propriamente dita, sendo que as duas categorias são elementos centrais que o sistema capitalista usa para controlar a consciência da sociedade como um todo.

A Indústria Cultural é a apropriação, pelo sistema capitalista, dos elementos pertencentes à cultura de massas, elementos esse que são utilizados na cooptação e alienação da sociedade, onde toda e qualquer forma de manifestação cultural tende a ser transformada em uma ferramenta de controle social, e assim, reproduzir os interesses do capital.

Quando um bem cultural é apropriado pela Indústria Cultural, existe a necessidade de transformação da cultura em mercadoria e, desta forma, a geração de produção e circulação de seus produtos, e assim propiciar a acumulação de capital por parte dos

grandes proprietários. “A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

A fim de gerar o consumo padronizado, onde todos os sujeitos passam a se reconhecer nos produtos, em grande parte supérfluos e ineficientes – os quais verdadeiramente não trazem nenhum benefício, mas, sem os quais os indivíduos não seriam capazes de se reconhecer, tal o nível de alienação que se encontram, ou seja, o sujeito projeta sua consciência na mercadoria, atribuindo vida a ela, e assim, perdendo a própria – a Indústria Cultural lança mão de diversos elementos afim de construir no sujeito a necessidade de consumo de determinadas categorias de produtos, para que assim, o indivíduo se reconheça na mercadoria e não no outro, o que gera mais consumo na busca de uma identificação que nunca acontecerá, até porque, se a promessa se cumprir não há a necessidade de novos produtos, algo que não passa pelos planos do sistema capitalista.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

A Indústria Cultural são todas as formas pelas quais a sociedade exerce pressão sobre os indivíduos a fim de conduzi-lo a atender os interesses e necessidades do capital, fazendo com que atuem de forma a reproduzir e perpetuar o modo de produção capitalista, e fazendo que a lógica do sistema esteja presente, não só nos momentos de trabalho, como também nos de não-trabalho², utilizando-se de elementos culturais como a televisão, o cinema, o rádio e outros meios de comunicação de massa.

Como já dissemos uma outra tarefa primordial da Indústria Cultural é a venda de mercadorias, sejam mercadorias de uso comum, (roupas, sapatos, carros, entre outros) como também as de bens culturais, (CDs, DVDs, cinema, shows e outras manifestações artísticas) sendo que “o entreterimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 126).

Além disso, existe ainda a função de convencimento, a qual faz com que os trabalhadores se sintam confortáveis na condição de explorados estabelecida pela lógica do capital. Tendo como característica, deixar obscuro o estado de alienação do sujeito, enquanto em Marx o sujeito se sente infeliz na condição de trabalho alienado³, no não reconhecimento no fruto do seu trabalho, com o advento da Indústria Cultural o sujeito passa a se sentir confortável na condição de alienado, e assim, perde seu caráter de resistência contra o sistema, o que dificulta ainda mais as possibilidades de superação da alienação do sujeito. Sendo que em muitos momentos nem sequer se percebe como tal, tão eficientes são os mecanismos, sendo que tem como grande aliada na sua perpetuação a publicidade.

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está completamente submetida à lei da troca que não pode ser trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos. Quanto maior é a certeza de que poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores. Por si só ela não consegue fazer muito contra essa tendência. A publicidade é seu elixir da vida. Mas como seu produto reduz incessantemente o prazer que promete como mercadoria a simples promessa, ele acaba por coincidir com a publicidade de que precisa, por ser intragável (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 151).

Como vimos, a publicidade é uma ferramenta quase que vital a Indústria Cultural. A publicidade tem como fundamentos principais: introduzir novas necessidades no cotidiano do sujeito, vender “falsas” idéias, induzir determinadas tendências, atribuir sonhos, distorcer a realidade, promover ideais, entre outras funções.

Contudo, quero destacar também o que considero ser o perigo específico. Trata-se de algo relativo ao conteúdo, que nada mais tem a ver com o veículo técnico de comunicação de

massa. Trata-se destas situações inacreditavelmente falsas, em que aparentemente certos problemas são tratados, discutidos e apresentados, para que a situação pareça ser atual e as pessoas sejam confrontadas com questões substantivas. Tais problemas são ocultos sobretudo na medida em que parece haver soluções para todos esses problemas, como se a amável vovó ou o bondoso tio apenas precisassem irromper pela porta mais próxima para novamente concertar o casamento esfacelado. Eis aqui o terrível mundo dos modelos ideais de uma 'vida saudável', dando as homens uma imagem falsa do que seja a vida de verdade, e que além disto dando a impressão de que as contradições presentes desde os primórdios de nossa sociedade poderiam ser superadas e solucionadas no plano das relações inter-humanas, na medida em que tudo dependeria das pessoas (ADORNO, 2000, p. 84, grifo nosso).

Desta forma, o sujeito perde a autonomia sobre a própria vida, e passa assim a se guiar por elementos estabelecidos pela Indústria Cultural, seja copiando a roupa da mocinha da novela, pausando sua relação familiar no casal feliz de determinado filme e/ou se sacrificando para adquirir o tênis da moda. O sujeito deixa de viver as relações reais e passa a se preocupar com casos virtuais – a mulher que chora e se solidariza ao ver a protagonista em seu sofrimento previsível e sabidamente fictício, e nem ao menos se impressiona com a criança encontrada boiando em um saco plástico, isso indica que há uma identificação do sujeito com os produtos da Indústria Cultural e por sua vez um estranhamento em relação ao outro – existe uma grande ênfase na individualização das relações, o individualismo exacerbado, o espírito de competição sempre presente e a falsa idéia disseminada pela Indústria Cultural de que todos tem a possibilidade de subir nos degraus da escada do sucesso, criando no sujeito uma falsa expectativa de vitória, a qual é extremamente necessária para manter na sociedade as condições adequadas a manutenção do modo de produção.

A Indústria Cultural exerce um poder incrível sobre nossa sociedade, sendo que determina diversos aspectos da vida do sujeito; como devem se vestir, como se comportar, quais os objetivos devem adquirir, qual o padrão de corpo devem ter e admirar

e diversas outras decisões que deveriam ser exclusivas do próprio sujeito, mas que sabemos é determina de fora pra dentro, o sujeito é cooptado e dessa forma sede aos encantos da Indústria Cultural, que sabemos, são muitos, sendo que, não a considerarmos durante as análises da sociedade contemporânea se traduz em um grave equívoco.

Segundo este ponto de vista, se deveria tomá-la a sério e sem arrogância cultural. Com efeito, a Indústria Cultural é importante enquanto característica do espírito hoje dominante. Querer subestimar sua influência, por ceticismo com relação ao que ela transmite aos homens seria prova de ingenuidade (ADORNO, 1967, p. 95).

Desta forma, após apresentarmos o quadro atual da Educação Física e discutirmos os elementos que compõe Indústria Cultural, buscaremos agora estabelecer conexões entre Indústria Cultural e Educação Física, tentando assim identificar como estas relações se estabelecem, como a Indústria Cultural influencia nos rumos da Educação Física atual, principalmente nos espaços não-escolares, como se apropria de seus elementos e quais as possibilidades de resistência.

EDUCAÇÃO FÍSICA E INDÚSTRIA CULTURAL.

Entre as varias formas de propagação da Indústria Cultural podemos destacar o importante papel da Educação Física contemporânea, sendo que seus elementos foram apropriados para a divulgação e a manutenção do sistema. Como vimos ao longo do presente texto, ao analisarmos o contexto da Educação Física atual, sob a luz da discussão acerca da Indústria Cultural, transparece a forte presença que esta ultima exerce sobre a primeira, e que nesta relação o professor assume o papel de mera ferramenta de reprodução.

Entre os elementos da Educação Física, três se destacam como apropriações da Indústria Cultural, são estes, o esporte, o lazer e o fitness⁴. Todos esses elementos trazem consigo uma serie de características que intrinsecamente são semelhantes aos da Indústria Cultural, além de outros elementos que são vitais para a manutenção e expansão do sistema capitalista.

No esporte estão presentes elementos que são fundamentais à manutenção do modo de produção: a competitividade, à vontade e/ou a necessidade de vitória, a possibilidade de ascensão social, de sucesso através do esporte, inclusive com diversos exemplos a serem seguidos, além do grande uso que se faz do esporte para a promoção do individualismo, seja através dos esportes individuais, onde essa relação se faz automaticamente, com também, nos esportes coletivos onde se eleva um único jogador ao posto de herói, e assim, todos os outros ficam subsumidos a figura de um só vitorioso.

Só uma pode tirar a sorte grande, só um pode se tornar célebre, e mesmo se todos têm a mesma probabilidade, esta é para cada um tão mínima que é melhor riscá-la de vez e regozijar-se com a felicidade do outro, que poderia ser ele próprio e que, no entanto, jamais é (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.136).

Neste sentido a Educação Física sofre grandes pressões para se voltar para a preparação de atletas, inclusive com grande incentivo da mídia⁵, principalmente da televisão, para que o professor se torne um descobridor de talentos, e assim, conseqüentemente abandone o papel de formador e transformador de nossa sociedade, deixando assim de se colocar como foco de resistência, passando a condição de mero reprodutor de técnicas de treinamento pré-estabelecidas, sendo que

as pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência. A aprovação científica converte-se em substituto da reflexão intelectual do factual, de que a ciência deveria se constituir. A couraça oculta a ferida. A consciência coisificada coloca a ciência como procedimento entre si própria e a experiência viva (ADORNO, 2000, p. 70).

Neste caso, existe e sempre existirá, por parte dos alunos e na maioria das vezes também do professor, a idéia de se formar atletas de alto nível⁶, o que não discordamos, essa possibilidade existe e não podemos negá-la aos alunos, mas, o que também não

podemos é torná-los totalmente alienados quanto a sua realidade e principalmente sobre as falsas idéias que são “vendidas” pela Indústria Cultural todas as vezes que ele liga a televisão, lê uma revista ou um jornal ou conversa com os amigos.

No esporte o consumo dos bens produzidos pela Indústria Cultural se dá de diversas formas. Este consumo se efetiva de forma mais direta em estádios, ginásios, centros esportivos, academias, televisão e internet, onde nos servimos dos jogos e dos eventos esportivos ou participamos dos mesmos, (assistindo, jogando, torcendo) seja, comprando ingresso, pagando mensalidades ou a assinatura da TV a cabo. E indiretamente, com a aquisição de materiais específicos necessários à prática de determinada atividade esportiva, e/ou com a compra de produtos oficiais diretamente ligados ao esporte em questão (camisas, bonés, chaveiros, faixas, toques para celular, entre outras), e/ou produtos que buscam uma vinculação com o esporte, seja através de patrocínio, propagandas nos estádios e na mídia, buscando assim uma identificação do produto em questão com o esporte, a fim de criar no indivíduo não só uma vontade, como também a necessidade de aquisição do determinado produto. O que gera em alguns paradoxos interessantes, como a vinculação de bebidas alcoólicas, as idéias de liberdade e saúde, usando para isso, como pano de fundo, o esporte.

No fitness aparecem diversos elementos da Indústria Cultural, sendo que alguns se assemelham aos do esporte, como o consumo de produtos relacionados com a sua prática, porém, traz em si algumas peculiaridades específicas, principalmente, no que diz respeito aos objetivos e a pressão exercida sobre o sujeito, que neste espaço toma uma nova característica. Sendo que o fitness encontra-se completamente impregnada pelos interesses da classe dominante, ou seja, do capital.

Tratando ainda da necessidade imposta de que se consumam os produtos relacionados à prática, a própria prática toma o caráter de mercadoria, onde não se adquire somente os produtos, mas o próprio sujeito passa a ter em si mesmo características de mercadoria. O próprio corpo passa a ser a mercadoria a ser trabalhada e o sujeito se perde do próprio corpo e passa a buscar esse corpo fora de si, em exemplos televisivos, em capas de revistas, em outdoors, ou seja, nos padrões corporais impostos pela mídia e assim, pela Indústria Cultural. A televisão exerce sobre os

indivíduo, principalmente entre as mulheres, uma grande pressão para se atender ao “corpo da moda”, corpo esse que tem padrões sazonais, os quais, de tempos em tempos, sofrem alterações para que assim possa manter a idéia de novo, porém, essa idéia de novo só se concretiza no plano ideal, pois na realidade, continua a ser o velho, só que com maquiagem nova.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

O fitness é o ramo da Educação Física onde se encontram as empresas franqueadoras de aulas. Como vimos antes, estas empresas tiram do professor e do aluno sua condição humana de, pensar sobre sua prática e elaborá-la de forma consciente e autônoma. Sendo que

a ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação (ADORNO, 2000, p. 43).

O fitness tem na televisão grande aliada para sua propagação enquanto ferramenta de cooptação dos sujeitos, existem diversos fatores que fazem do fitness elemento importante dentro da dinâmica neoliberal da Educação Física contemporânea. Através da televisão pode se estabelecer um padrão de “corpo perfeito”, que é indiscutivelmente o padrão da mídia. Tendo sido estabelecido esse padrão, passa-se então a impor as pessoas que elas se enquadrem neste padrão, o que sabemos é praticamente impossível a grande maioria da população, sendo que os padrões já são estabelecidos com o intuito de que parcelas enormes da população tenham que recorrer aos produtos da Indústria Cultural para que possam ter a falsa idéia de que podem chegar ao padrão determinado,”... por toda a parte onde a televisão aparentemente se apro-

xima das condições da vida moderna, porém ocultando os problemas mediante rearranjos e mudanças de acento, gera-se efetivamente uma falsa consciência” (ADORNO, 2000, p. 83).

Podemos perceber a quantidade de produtos vinculados à procura do corpo perfeito, o corpo “belo”, nas academias, na televisão, todos em busca de um padrão corporal inatingível. Camuflada na promessa de saúde, o que se vê são mulheres se submetendo a regimes rigorosos, sofrendo mutilações em busca de uma padronização estética, o que tem transformado mulheres em verdadeiros travestis⁷. Onde fica o conceito de saúde quando pensamos em quadros patológicos como a anorexia, a bulimia, a vigorexia, outros problemas de ordem psicológica, além de problemas pós-operatórios e, em casos mais extremos, óbitos.

Os ideais de saúde propostos pelo fitness ficam subsumidos as questões relacionadas à estética e à beleza, nestes espaços há um incentivo exacerbado a render-se aos caprichos da Indústria Cultural, numa tentativa de encaixar-se em seus padrões sempre exigentes e comumente voláteis. Não bastasse às pressões sofridas por parte da mídia, o estado de alienação é tão avançado que a pressão vem de todos os lados, dos colegas e infelizmente dos professores, que nesta perspectiva são apenas ferramentas de propagação do sistema.

Ligados ao fitness existem produtos das mais variadas formas, desde cremes para a pele, até tratamentos cirúrgicos caríssimos, passando por massagens, aparelhos de uso estético (ultra-som, laser, infravermelho), produtos da linha diet/light, entre outras diversas possibilidades, sendo que, a cada dia aparecem novos “milagres”. Tudo isso a fim de manter nas pessoas a falsa ilusão de que, “desta vez vai funcionar”, o que sabemos infelizmente não acontece. Porém a eficácia de tais promessas podem ser constatadas facilmente se observarmos o crescimento de negócios destes segmentos.

Já o lazer, entendido como tempo livre, tem características mais ligadas ao trabalho, sendo que, num certo sentido formam um par dialético, ao passo que um se contrapõe ao outro, ao mesmo tempo em que um só existe, em função da existência do outro. Sendo assim, como podemos compreender as diferenças entre eles, é que o tempo livre se

...distingue do tempo não livre, aquele que é preenchido pelo trabalho e, poderíamos acrescentar, na verdade determina-

do desde fora. O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Esta oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais (ADORNO, 1995, p. 70).

No lazer se percebe muitas formas de apropriação da autonomia do indivíduo, em muitos momentos o lazer não passa de um momento de recuperação fisiológica do trabalhador, no qual este repõe suas energias para estar pronto ao trabalho, se nos tempos de Marx, se explorava ao máximo o trabalhador devido a grande facilidade de reposição e o total descaso por parte das autoridades, nos dias de hoje, com um nível de qualificação maior, o que dificulta a reposição imediata do trabalhador – mas, não impossibilita – e também leis trabalhistas mais rigorosas, se faz necessário que se cuide melhor do trabalhador – no nosso caso, o professor – para que o mesmo esteja em condições de ser explorado até o limite de suas possibilidades, mas, sem que isso traga prejuízo a curto e médio prazo a sua saúde (o que implicaria em licenças médicas remuneradas), o que certamente reduziria o lucro do capitalista, o que sabemos, não é aceito.

Assim, o lazer não perde seu caráter de manutenção das condições para o pleno desenvolvimento do sistema vigente, pois tem um forte papel de controle social, sendo que a grande parte dos momentos de lazer o sujeitos estão presos ao seu trabalho e de alguma forma ligados a ele (por exemplo: os clubes sociais), sendo que

[...] a própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio; o que elas querem lhes é mais uma vez imposto. Por isso, a integração do tempo livre é alcançada sem maiores dificuldades; as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas (ADORNO, 1995, p. 74).

A falta de liberdade do sujeito, a fetichização, o caráter alienante das atividades corporais, fazem com sujeitos se transformem em mercadorias, tendo em vista que todos os aspectos ligados ao que foi discutido aqui, estão intimamente ligados ao tempo livre, sendo que o indivíduo se submete as diversas formas de pressão da Indústria Cultural, a fim de recuperar a identidade perdida nos momentos de trabalho.

Entendendo todas estas relações estabelecidas entre a Indústria Cultural e a Educação Física, podemos agora caminhar para o fim do presente texto com uma discussão sobre as pressões exercidas pela Indústria Cultural sobre os professores de Educação Física.

PROFESSORES E INDÚSTRIA CULTURAL

Os professores de Educação Física, principalmente, os que atuam no ambiente não-escolar, são duramente pressionados pela Indústria Cultural e conseqüentemente pelo modo de produção, a atuarem de forma a reproduzir o sistema vigente. Pressão essa que em muitos momentos obriga o professor a trabalhar excessivamente, não o permite buscar possibilidades que poderiam contribuir para uma transformação na sua prática docente.

A Indústria Cultural propaga a idéia de uma formação, ou seria formatação, através da repetição mecânica, de uma educação não-emancipadora, e sim que prenda cada vez mais o sujeito sob suas garras.

É efetivamente muito interessante este fenômeno da continuidade mundial do domínio da educação não-emancipadora, embora a época do esclarecimento já vigore há tempos, e embora certamente não apenas em Kant, mas também em Karl Marx haja muitas coisas que se opõem a essa educação não-emancipadora (BECKER apud ADORNO 2000, p. 174).

Mesmo que a época do esclarecimento já vigore, devido a grande contribuição de autores importantíssimos como Kant e Marx, muitos dos professores nunca tiveram contato com suas obras, nem mesmo a possibilidade de ouvir sequer uma fala que remetesse a alguns de seus textos, e sim, como vimos, recebem treinamentos prontos sem qualquer tipo de discussão e/ou elaboração, nos quais aprendem a reproduzir uma prática que, nem ao menos sua é.

Existe também um outro fator que deve ser levado em consideração, o fator econômico-social. Muitos alunos logo ao entram na graduação recebem propostas para se vincularem as empresas franqueadoras, mesmo sem qualquer tipo de preparo aca-

dêmico, já que estão no início do curso, devido à necessidade de trabalhar para se manter na universidade, muitos seguem por este caminho, ou seja, a Indústria Cultural o coopta, antes mesmo de que tenha tido a chance de receber uma formação sólida que lhe desse condição de refletir e resistir aos seus desmandos.

Ainda em relação ao fator econômico-social, existe um outro problema que impede a formação do aluno para a autonomia. Existe um elemento próprio do sistema capitalista que é a reserva de mercado, ou seja, para cada profissional trabalhando existe pelo menos mais um procurando colocação no mercado, sendo assim, a Indústria Cultural exerce pressão para que o professor não resista contra ela sob pena de ser substituído, sendo que isto está presente, não só em relação aos professores de Educação Física, mas, aos classe trabalhadora como um todo.

Levando em conta a grande dificuldade que os professores, e aí considerando principalmente o professor de Educação Física, têm de estabelecer-se uma autonomia do sujeito em relação aos elementos de sua prática pedagógica de forma a emancipá-lo através de um esclarecimento a cerca de sua própria prática, fazendo então que o sujeito tenha condições de identificar e até mesmo defender-se dos elementos da Indústria Cultural, elaborando e estruturando por si só determinada atividade, na qual, esteve inserido dentro de um processo ensino-aprendizagem tornando assim o professor um produtor, e não “re-produtor” de conhecimento, que acreditamos, seja a principal função do professor, sendo que para isto “... o professor precisa ter clareza quanto a que sua tarefa principal consiste em se tornar supérfluo” (BECKER *apud* ADORNO 2000, p. 177). O que muitas vezes não acontece devido ao medo que o professor carrega de que o aluno possa efetuar exercícios sem sua tutela, o que segundo ele os tirariam o campo de trabalho.

A Educação Física não-escolar não pode simplesmente se tornar uma reprodutora do modelo vigente, pois se fosse somente para reproduzir não seria necessário que nestes espaços atuassem “professores formados”⁸, qualquer pessoa que passar por um treinamento, aqui entendendo treinamento enquanto curso de capacitação de curta duração, pode dar aulas de Educação Física em ambientes não-escolares, sendo assim dispensando o curso de graduação.

A Indústria Cultural faz uso de uma estrutura muito bem montada, na qual o professor se encontra em uma posição de submissão e de total descaso por parte do sistema, podemos perceber no quadro a seguir alguns elementos que nos levam a entender as formas pelas quais a Indústria Cultural domina e escraviza o professor, cooptando-o para a reprodução e a alienação.



Até quando vamos encarar as pressões da Indústria Cultural sem que façamos nada para mudar este quadro, não só na escola, mas em todo e qualquer espaço onde exista uma professor de Educação Física.

Recorrendo a Auschwitz, Adorno procura demonstrar a inviabilidade tendencial da formação pela socialização da semiformação; as dificuldades da formação da subjetividade autônoma pela via da educação e da cultura nos parâmetros da sociedade burguesa, sem o apoio de uma crítica objetiva da própria formação social (MAAR, 2000, p. 27).

Para que possamos romper com a pseudo- formação e estado de alienação que essa nos conduz, é necessário que se comece a

trazer as discussões sobre novas abordagens na Educação Física à tona e, não simplesmente nos rendermos aos caprichos da Indústria Cultural, nos alienando em relação as suas ferramentas e assim permitindo que ela se fortaleça e se propague.

Assim, cabe ao professor assumir seu papel de foco de resistência, educando no sentido de formar sujeitos críticos e autônomos, capazes de decidir os rumos da própria vida, principalmente, que tenham condições de reconhecer e resistir aos mecanismos da Indústria Cultural. Até por que, “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que as aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 2000, p. 183).

Notas

- ¹ Sempre que for usado o tremo “professor” neste texto, está se referindo ao professor de Educação Física, sendo que, é assim considerado o profissional que tem formação superior em Educação Física.
- ² Todas as horas onde o individuo não está diretamente ligado ao trabalho. Ex.: em casa, no lazer, etc.
- ³ Ver citação pagina 4 (MARX, 2004, p. 114).
- ⁴ O conjunto das ginásticas e de suas inúmeras variações, principalmente nas academias recebe essa denominação.
- ⁵ Entendendo como mídia todos os meios de comunicação de massa.
- ⁶ Considerando atleta de alto nível como aqueles que participam de competições nacionais e internacionais.
- ⁷ Sendo que travestis são pessoas que apresentam uma imagem que verdadeiramente não é a sua, as mulheres estão se enquadrando neste perfil, sendo que muitas mudam totalmente a sua aparência.
- ⁸ Considerando que professores são somente os graduados, porém, esta redundância se faz necessária para esclarecer o texto, já que, muitos usam o termo professor erroneamente. Em todos os outros momentos que citar a palavra professor, estarei me referindo a um graduado. Entendendo graduado com alguém que concluiu o Ensino Superior.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. *Educação e emancipação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

_____. Indústria cultural. In: ADORNO, T. W. *Sociologia*. Ática, 1967. p. 92-99. (Coleção Grandes cientistas Sociais).

_____. Tempo livre. In: ADORNO, T. W. *Palavras e sinais: modelos críticos* 2. Petrópolis: Vozes 1995. p. 70-82.

MAAR, W. L. À guisa de Introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: M. Claret, 2004.

Abstract: this paper aims to discuss relations between the Physical Education and the Concept of Cultural Industry, establishing a parallel with its own evolution, focusing mainly on their current context, tries to explain the teacher's role in this process. This theoretical work is based on critical theory, especially Adorno.

Keywords: education, physical education, culture industry

JOÃO MARTINS VIEIRA NETO

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Curso de Educação Física, UEG-ESEFFEGO.